

No fazer psicanalítico chegamos, inevitavelmente, ao ponto em que nos deparamos com o desconhecido. A clínica, como o sonho, nos atrai para além das regiões de enigmas a decifrar, até as bordas do insondável. Prosseguindo, no equilíbrio precário das beiradas, podemos viver momentos em que, sem rede embaixo, inventamos um pouco mais a psicanálise.

A escrita adota, nestas ocasiões, a forma de um relato que dá testemunho, buscando levar ao leitor quer a vivacidade dos encontros, quer seus impasses e dúvidas, suas surpresas e mesmo as ousadias necessárias para que algo se movimente e se transforme. Como a própria prática que busca transmitir, aventurar-se em tal escrita é arriscar-se a ver o pensamento brotar a cada linha, surpreendendo o próprio autor, mas é também um trabalho de elaboração, proposta de interlocução e gesto de compartilhamento. Não são poucas as vezes em que encontramos, na leitura de um relato clínico, algo que ilumina e movimenta nossa prática cotidiana.

Alguns autores, neste número de *Percorso* e nos próximos, participaram do evento "Acontecimento Estético na Clínica Psicanalítica", realizado em 96, e acolheram o convite para retomar e publicar seus trabalhos. Seus relatos e elaborações nos aproximam da clínica como matriz de transformações, de ampliação de recursos psíquicos e de criação que se revelam nas descobertas do analisando e em seus sonhos. Relatos que também falam da disponibilidade do analista para permanecer, pelo tempo necessário, na área de amorfia

que precede a criação e o sonho, e, ainda, para o contato com o originário, com o pulsional informe, que emerge em registros sensoriais e sensações corporais, solicitando uma atividade de reconhecimento e nomeação deste corpo-angústia, como condição constituinte da representação. Com disponibilidade igualmente generosa, Harold Searles nos aproxima de seus pacientes esquizofrênicos, cuja singularidade nos incita a questionar nossos pressupostos e certezas sobre a existência humana e a constatar, com ele, que "nada é óbvio sobre os seres humanos e sua conduta".

Inventar um pouco mais a psicanálise, levá-la até onde ela antes não estava, a partir da clínica, das experiências culturais e da vivência pessoal, é ser fiel ao espírito que animava seu fundador. A experiência cultural também está presente neste número de *Percorso*, em trabalhos que articulam o pensamento psicanalítico com a produção poética, a narrativa literária e a reflexão crítica sobre o social. O legado freudiano, como sublinham dois artigos, contém as indicações de sua própria abertura para incógnitas produtivas, para um "além do freudismo". Os relatos e análises de sonhos, bem como a correspondência de Freud, dão testemunho das matrizes pessoais de onde brotaram seus conceitos e da ousadia de um método investigativo que não deixava de recorrer à especulação. Na trilha assim aberta, pedimos a três psicanalistas que ousassem refletir - especular, talvez? - a respeito das perspectivas atuais e dos rumos da psicanálise.

Que o leitor destes textos possa também usufruir deste caminhar pelas beiradas.